



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

AILYN AMANDA ROJAS COVALSKI

OS GRIOTS NA ÁFRICA OCIDENTAL: memória de imigrantes africanos na cidade de
Chapecó – SC

CHAPECÓ

2017

AILYN AMANDA ROJAS COVALSKI

**OS GRIOTS NA ÁFRICA OCIDENTAL: memória de imigrantes africanos na cidade de
Chapecó – SC**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado como requisito para a obtenção do grau de
licenciada em História da Universidade Federal da
Fronteira Sul.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Renilda Vicenzi

CHAPECÓ

2017

PROGRAD/DBIB – Divisão de Bibliotecas

Covalski, Ailyn Amanda Rojas

Os gritos na África Ocidental: memórias de imigrantes africanos na cidade de Chapecó - SC/ Ailyn Amanda Rojas Covalski. -- 2017. 37 f.

Orientadora: Renilda Vicenzi

Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de História , Chapecó, SC, 2017.

1. Africa tradicional. 2. Griots. 3. Imigrantes senegalese. I. Vicenzi, Renilda, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

Aos sete dias do mês de julho de dois mil e dezessete, às quatorze horas nas dependências do Campus Chapecó da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFES), reuniu-se a banca avaliadora da monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso constituída pelos professores: **Renilda Vicenzi (Orientadora)**, **Sandra Agostini** e **Paulo Ricardo Muller (UFES/Campus Erechim)**. O Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História elaborado pela acadêmica **Ailyn Amanda Rojas Covalski** sob o título: *Os Griots na África Ocidental: memória de imigrantes africanos na cidade de Chapecó - SC* obteve a média final 8.8 sendo considerado aprovada.

Chapecó - SC, 07 de julho de 2017.

Renilda Vicenzi - Orientadora

Sandra Agostini - Avaliadora 1

Paulo Ricardo Muller - Avaliador 2

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, que como mulher, mãe e estrangeira sempre me presenteou com bons exemplos de como persistir nos meus objetivos. Toda a sua força me incentivou a voar longe, contudo, seu amor imensurável me fez querer ficar perto.

Agradeço à professora Renilda Vicenzi, por me orientar com tanta atenção, paciência e confiança, tornando esta pesquisa possível.

Também quero deixar registrado um agradecimento especial aos meus amigos que, com menor ou maior frequência, tornaram a rotina mais leve e me deram o apoio necessário no momento em que os problemas me impediram de enxergar o lado meio cheio do copo. Agradeço aqui principalmente à Angelica Trombetta Piran e à Flávia Letícia Marchiori, sem a amizade de vocês este caminho teria sido difícil e chato.

Por último, mas não menos importante, agradeço à minha colega e amiga inseparável Carlise Schneiders, pois foi um prazer caminhar ao seu lado nesta graduação e sei que ainda estaremos juntas em muitas outras realizações.

RESUMO

O presente trabalho foi desenvolvido com o objetivo de analisar, sob um novo ponto de vista, a tradição oral existente na África Ocidental em uma perspectiva histórica e atual. A abordagem do tema é realizada através de estudos bibliográficos e culturais e, principalmente, a partir de entrevistas realizadas com senegaleses refugiados que habitam a cidade de Chapecó. Na última década, uma onda de migrações trouxe à cidade de Chapecó (oeste de Santa Catarina) muitos haitianos e senegaleses que trazem consigo uma gama de novas possibilidades de desenvolvimento de estudos regionais. A partir da fala dos senegaleses em Chapecó, por exemplo, foi possível desenvolver novos mecanismos de análise e de compreensão da oralidade presente na parte ocidental do continente africano, onde a escrita só foi introduzida recentemente, com a colonização. Esta tradição manifesta-se principalmente através de alguns sujeitos responsáveis por perpetuá-la, conhecidos como *tradicionalistas* e *griots*. Ambos são depositários da cultura e da tradição de seu povo, verdadeiras bibliotecas vivas e possuem um papel importante na sociedade, diferenciando-se principalmente pela forma como é feita a transmissão desses conhecimentos. Enquanto os tradicionalistas preocupam-se com conhecimentos mais factuais, os *griots* possuem “liberdade poética” para embelezar os fatos e cantar a História de sua sociedade, e é sobre eles que recai o enfoque desta pesquisa. Nesse sentido, o objetivo principal deste trabalho é analisar a tradição oral na África Ocidental perpetuada pelos *griots* a partir da memória dos senegaleses refugiados na cidade de Chapecó (SC), bem como compreender o conceito de tradição oral presente na parte ocidental do continente africano, estudar os problemas decorrentes da progressiva extinção da tradição oral na África e identificar o papel dos *griots* atualmente nesse contexto.

Palavras-chave: África tradicional. *Griots*. Imigrantes senegaleses.

RESUMEN

El presente trabajo de investigación se desarrolló con el objetivo de analizar, bajo un nuevo punto de vista, la tradición oral existente en África Occidental en una perspectiva histórica y actual. El abordaje del tema es realizado a través de estudios bibliográficos y culturales pero, principalmente, a partir de entrevistas con senegaleses refugiados que habitan la ciudad de Chapecó. En la última década, una ola de migraciones trajo a la ciudad de Chapecó (Oeste de Santa Catarina) una gran cantidad de haitianos y senegaleses que traen consigo una gama de nuevas posibilidades de desarrollo de estudios regionales. A partir de los relatos de los senegaleses en Chapecó, por ejemplo, será posible desarrollar nuevos mecanismos de análisis y comprensión de la oralidad presente en la parte occidental del continente africano, donde la escritura solamente fue introducida recientemente, con la colonización. Esta tradición se manifiesta principalmente a través de algunos sujetos responsables por perpetuarla, conocidos como *tradicionalistas* y *griots*. Ambos son depositarios de la cultura y de la tradición de su pueblo, verdaderas bibliotecas vivas que poseen un papel importante en la sociedad, diferenciándose, principalmente, por la manera como se hace la transmisión de esos conocimientos. Mientras los tradicionalistas se preocupan con conocimientos más factuales, los *griots* poseen “libertad poética” para adornar los hechos y cantar la Historia de su sociedad, y es sobre ellos que recae el enfoque de esta investigación. En este sentido, el objetivo principal de este trabajo es conocer la tradición oral en África Occidental perpetuada por los *griots* a partir de la memoria de los senegaleses refugiados en la ciudad de Chapecó (SC), así como también analizar el concepto de tradición oral presente en la parte occidental del continente africano, estudiar los problemas oriundos de la progresiva extinción de la tradición oral en África e identificar el papel de los *griots* actualmente en ese contexto.

Palabras-clave: África tradicional. *Griots*. Inmigrantes senegaleses.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Localização do Senegal na parte ocidental da África

Figura 2 – Rota dos imigrantes que entram no país com auxílio de coiotes

Figura 3 – Um *griot* com seu instrumento

Figura 4 – Baobá, a árvore sagrada para os senegaleses

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
1. O SENEGAL E OS SENEGALESES EM CHAPECÓ: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO	12
2. <i>GRIOTS</i> NA ÁFRICA OCIDENTAL: A TRADIÇÃO ORAL PERPETUADA PELOS MESTRES DA PALAVRA.....	17
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
5. REFERÊNCIAS	32

1. INTRODUÇÃO

Nossa sociedade é fortemente marcada pela cultura da escrita. Armazenamos todo o nosso conhecimento com palavras impressas (ou digitalizadas) e ensinamos nossos descendentes a ler e escrever como forma de capacitá-los para acessar essas informações, bem como produzir novos registros, e ainda a sociedade contemporânea ocidental considera somente válida a produção escrita. Contudo, esta não é uma prática universalizada, a cultura da oralidade está presente na história de muitas sociedades como principal forma de adquirir e transmitir conhecimento, exigindo-se, para tal, um constante exercício da fala, da audição e da memória.

Na região ocidental do continente africano, uma das principais formas de transmissão de conhecimentos se deu, historicamente (e com reminiscências nos dias atuais), através dos *griots*: indivíduos conhecidos como portadores de histórias, canções e tradições. Eles são os responsáveis por repassar, através da oratória e da musicalidade, os ensinamentos fundamentais de sua cultura, sendo assim a tradição viva da África. Porém, com a progressiva expansão dos valores e da cultura europeia ocidental pelo mundo, as tradições regionais foram minguando e perdendo força, dentro do seu próprio território, perante essa dominação eurocêntrica. Ou seja, em uma determinada região onde os saberes gerais, a História e as genealogias familiares foram sempre transmitidas pela fala, os prejuízos acarretados pela imposição da normatização da escrita europeia são incontáveis.

Outro fator que comprometeu a continuidade da cultura oral africana diz respeito a retirada de jovens do continente para servir ao exército europeu (especialmente francês, inglês) durante as duas grandes guerras mundiais, impossibilitando sua inserção no ciclo de formação de novos *griots*. Essa ruptura com a tradição oral foi sintetizada pelo escritor malinês Hampâté Bâ nos seguintes termos: “na África, cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima”¹, explicitando assim, a necessidade de ouvir e preservar a fala da última geração destes grandes depositários da memória africana.

Nesse sentido, esta pesquisa procura analisar o papel e a história destes *griots* a partir da memória de imigrantes senegaleses refugiados² na cidade de Chapecó (SC) desde a última

¹ HAMPATÉ BÂ, Amadou. **Amkoullel, o menino fula**. São Paulo: Palas / Casa das Áfricas, 2003.

² Compreendemos aqui refugiados enquanto indivíduos que estão fora de seus países em razão de perseguições, conflitos, violência e outras questões que perturbam a ordem pública.

Fonte: “Refugiados” e “Migrantes”: perguntas frequentes. Agência da ONU para Refugiados. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/refugiados/refugiados-e-migrantes-perguntas-frequentes/>> Acesso em jun. 2017.

década. A memória destes sujeitos suscita inúmeras possibilidades de se (re)pensar a história da África Ocidental, porém, com o devido enfoque dado aos *griots*, é possível conhecer e analisar a importância destes tradicionalistas, abordando o tema sob uma nova perspectiva. Ou seja, mesmo não estando fisicamente na África Ocidental, a presença destes senegaleses no sul do Brasil nos possibilita conhecer melhor os *griots*, enriquecendo o conhecimento produzido a nível regional sobre a História da África.

Estes indivíduos que nos concederam as entrevistas necessárias para concretizar a pesquisa, fundaram em 2013 a Associação dos senegaleses de Chapecó, com o objetivo de uní-los pela identidade e auxiliar no cotidiano da vida no novo país. Na cidade de Chapecó existe atualmente cerca de 80 refugiados senegaleses, que trabalham principalmente em agroindústrias (BRF e Aurora). Cabe destacar que todos estes refugiados são islamizados³ e falam em geral duas línguas, a oficial de seu país (francês) e o uólofe (wolof), que é um dos idiomas nativos.

Pensando na manutenção da tradição oral como forma de manutenção da historicidade de sociedades historicamente excluídas, queremos indagar acerca de qual é o papel da tradição oral para a manutenção da história e da memória na África Ocidental, bem como sua transposição junto aos refugiados imigrantes senegaleses na cidade de Chapecó.

O aporte bibliográfico desta pesquisa parte, primeiramente, de autores africanos que discutem a importância de utilizar referenciais do próprio continente para tecer estudos sobre a África. Nesse sentido, a coleção de oito volumes publicada pela UNESCO (traduzida ao português em 2010) sobre a História Geral da África⁴ traz grandes contribuições para esta pesquisa. Dessa forma, enfatizamos os escritores Joseph Ki-Zerbo e Amadou Hampâté Bâ, que reforçam, em seu grande aporte bibliográfico, a necessidade de coletar testemunhos da última geração de *griots*, além de ressaltar a importância de se debruçar sobre a oralidade para empreender pesquisas ligadas ao continente africano.

Mesmo com os tímidos avanços realizados no sentido de legitimar a oralidade enquanto fonte histórica, ela ainda está sujeita as mais variadas interpretações e, inclusive, depreciações. Contudo, é necessário reconhecer sua importância e explorar suas possibilidades, principalmente quando o objeto de pesquisa são sociedades marcadas pela oralidade, ou seja, culturas ágrafas.

³ Comemoram anualmente as festas religiosas de Magal e Gamou. Sobre islâmicos no Brasil, entre outros ver: MONTENEGRO, Sílvia Maria. **Dilemas Identitários do Islão no Brasil**: A Comunidade Muçulmana do Rio de Janeiro. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

⁴ Disponível em <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/education/inclusive-education/general-history-of-africa/>>

As sociedades ágrafas marcaram a maior parte do ocidente africano, onde os ensinamentos foram, historicamente, transmitidos de geração em geração pelo que denomina-se tradição oral. A tradição oral engloba tanto a palavra falada (como no caso de contos e provérbios) como a palavra cantada (nas músicas), e é definida enquanto método de oralização dos mais diversos aspectos culturais de uma sociedade, podendo ocupar-se, por exemplo, da literatura, da transmissão de valores, da genealogia familiar e da História em si.

Para compreender este tema, é importante estar familiarizado com o conceito de Memória, muito bem trabalhado pelo historiador Jacques Le Goff, que preocupou-se em distinguir o papel e os usos da memória em sociedades sem escrita, ou seja, traçando a notável diferença com relação as práticas verificadas em sociedades letradas. Le Goff afirma que “O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento.” e faz a importante ponderação (fundamental para conhecer as bases das sociedades orais): “No estudo histórico da memória histórica é necessário dar uma importância especial às diferenças entre sociedades de memória essencialmente oral e sociedades de memória essencialmente escrita” (1990, p. 427). O autor também menciona os três eixos principais ligados à ordem e à transmissão da memória desses povos:

Nas sociedades sem escrita a memória coletiva parece ordenar-se em torno de três grandes interesses: a idade coletiva do grupo que se funda em certos mitos, mais precisamente nos mitos de origem, o prestígio das famílias dominantes que se exprime pelas genealogias, e o saber técnico que se transmite por fórmulas práticas fortemente ligadas à magia religiosa. (1990, p. 432)

No artigo publicado por Lucilia de Almeida Neves Delgado na Revista da Associação Brasileira de História Oral, intitulado “História oral e narrativa: tempo, memória e identidades”, a autora produz uma compilação de usos e sentidos aplicados ao conceito de memória, também muito importante para a produção desta pesquisa. Traçando as devidas distinções, o artigo destaca que o elo entre a função da História e da Memória está na imortalidade, sendo ambas antídotos do esquecimento, materializando-se a partir do esforço comum por evocar o passado, garantindo assim sua conservação (2003, p. 18 -20). Delgado afirma ainda que, a memória não se reduz ao ato de recordar, e que, associada ao instrumento narrativo, possui “a potencialidade de fazer viajar o ouvinte através da viagem narrada” (DELGADO, 2003, p. 22).

Ou seja, além de atualizar e presentificar o passado, a memória também é capaz de transportá-lo, pois os sujeitos portadores de tais recordações estão em constante movimento, podendo estender suas narrativas para além das fronteiras pré-determinadas pelos fatos. Isto pode ser verificado nesta pesquisa a medida em que a narrativa dos refugiados senegaleses nos

possibilita escrever sobre uma realidade que, sem a presença dos mesmos na cidade de Chapecó, não estaria ao alcance dos pesquisadores desta localidade.

Nesse sentido, este é um tema novo a ser abordado na pesquisa histórica, justificando-se pela associação entre a crescente necessidade de valorizar e preservar a cultura imaterial africana e a chegada recente de senegaleses na cidade, fato que pode e abrir portas para muitas pesquisas e aumentar a possibilidade de pautas para estudos regionais, além de dar visibilidade a atual presença africana no Brasil.

Este trabalho apresenta-se dividido em duas partes principais, sendo a primeira um capítulo dedicado à contextualização da história do Senegal e da vinda dos senegaleses para a cidade de Chapecó, onde, para tais reflexões, localizamos trabalhos produzidos⁵ na última década que tratam da presença de refugiados africanos no Brasil, mesmo que ainda seja notável a carência de estudos mais meticolosos acerca da temática.

Já na segunda parte, nos ocupamos – num primeiro momento – em realizar uma revisão bibliográfica sobre a tradição oral na África Ocidental e o papel dos *griots* nesse contexto e, feito isso, analisamos uma entrevista realizada com indivíduos senegaleses a respeito do seu ponto de vista sobre esse tema, tão rico e pertinente para compreender a história da África a partir de suas próprias categorias.

A escolha dos indivíduos a serem convidados para participar da pesquisa partiu, principalmente, da questão idiomática. A maioria dos associados ao grupo de senegaleses em Chapecó ainda possui dificuldades com a língua local, portanto, selecionamos três imigrantes que dialogam com maior fluência em português. O perfil destes indivíduos tornou a amostragem bastante representativa, tendo em vista suas diferenças de idade e descendência, além de terem chegado ao Brasil em períodos distintos e não se conhecerem antes de chegar a cidade de Chapecó.

As entrevistas foram realizadas a partir de uma adaptação das técnicas aplicadas em grupos focais⁶, onde indivíduos com algo em comum (neste caso, os entrevistados são

⁵ Destacamos aqui os trabalhos de João Carlos Tedesco e Denize Grzybovski que trataram, em 2013, da chegada dos senegaleses ao norte do Rio Grande do Sul (região geograficamente próxima à cidade de Chapecó) e a matéria redigida por Gabriela Bazzo em 2015, que também abordou temáticas e dados importantes utilizados para esta pesquisa.

Ver: BAZZO, Gabriela. **Senegaleses: esta é a nova cara da imigração no Brasil**, 2015. Disponível em: <http://www.brasilpost.com.br/2015/06/05/refugiados-senegal-brasil_n_7488252.html> Acesso em 21 de nov. 2016

TEDESCO, João Carlos; GRZYBOVSKI, Denize. Dinâmica migratória dos senegaleses no norte do Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Estudos de População**, [s.l.], v. 30, n. 1, p.317-324, jun. 2013. FapUNIFESP (SciELO)

⁶ Ver: GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro 2005.

senegaleses) se reúnem para uma discussão informal com fins de obtenção de informações de caráter qualitativo. Para este procedimento, o pesquisador age como mediador, propondo uma temática a ser desenvolvida na roda de conversa e analisando, posteriormente, as percepções individuais e coletivas sobre o assunto levantado. Para um tema tão abrangente e complexo como a tradição oral africana, esta metodologia adotada foi de suma importância, visto que a flexibilização do roteiro deu liberdade aos entrevistados para que estes pudessem desenvolver suas narrativas de forma mais completa.

1. O SENEGAL E OS SENEGALESES EM CHAPECÓ: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Localizada na costa, na região oeste da África, a República do Senegal está contemplada entre as regiões que mais sofreram com a retirada de pessoas para servir de mão de obra escrava a partir dos séculos XV e XVI. A memória e a cultura material do passado onde milhares de homens e mulheres foram escravizados está, entre outros espaços, na África Ocidental na Ilha do Gorée, litoral do atual Senegal. Nesta ilha foi construído um forte que serviu como entreposto comercial⁷ na época moderna. No forte funcionava a casa dos escravos com a 'porta sem volta' ou a 'porta sem retorno'. De acordo com Leitão (2007, p.86):

Assim, os europeus faziam os seus negócios na ilha com os navios vindos do Norte ou do Sul, por mar e em terra. [...] Por ali se misturavam os estrangeiros com os indígenas africanos, no território do actual Senegal, instalando-se por lá definitivamente não só muitos portugueses, flamengos, ingleses e franceses mas também judeus fugindo às perseguições da Inquisição na Europa, desde finais do séc. XV.

Durante cerca de 300 a costa do atual Senegal foi visitada por diferentes indivíduos, que estavam inseridos no comércio de almas pelo Atlântico. Assim, o litoral da Sengâmbia (banhado pela bacia do rio Senegal) foi espaço explorado no que se refere aos indivíduos que foram escravizados e as mercadorias de consumo do além-mar.

O dossiê para professores elaborado em Barcelona por Albert Gumi (2009) traz uma série de informações importantes para compreender aspectos culturais, geográficos e sociais do Senegal. O autor, apesar de pensar o Senegal a partir de referenciais europeus (comparando a todo momento o país com a Espanha), traz elementos capazes de tornar o território senegalês mais fácil de ser materializado, com todas as suas especificidades, no imaginário dos alunos. Ou seja, Gumi não se prende apenas às descrições climáticas e geográficas, mas fala também da sociedade senegalesa e sua relação com aquele território.

Não há aqui uma pretensão de estabelecer definições rígidas a respeito da cultura e da sociedade senegalesa, e sim contextualizar os capítulos que se seguem e tratam sobre a tradição oral presente naquela região. Em um continente tão amplo e diversificado, seria impossível falar em uma identidade única, final e acabada de um determinado país, contudo, algumas informações se fazem necessárias para compreender as dinâmicas que regem as tradições originárias da África.

Assim, com o auxílio do referencial teórico de Chartier (2002) e Pesavento (2004) nos colocamos na escuta dessas vozes, trazendo ainda como suporte teórico as ideias de Castiano (2010) que fala da necessidade de tratarmos com uma África sujeito, e não mais objeto, tal como propagada pela visão europeia, sem a escuta dos próprios

⁷ Ver: MALOWIST, M. A luta pelo comércio internacional e suas implicações para a África. In: OGOT, Allan B. (Org). **História geral da África**. Volume V: África do século XVI ao XVIII Brasília : UNESCO, 2010.

africanos, e mesmo da ideia de uma intersubjetivação africana, já que a África não é homogênea em suas práticas, culturas e civilizações, não se trata de uma unidade fechada, mas sim de uma diversidade que encontra pontos de correspondência, entre eles a oralidade, mas que se revelam de distintas formas. (DE PAULA JUNIOR, 2014, p. 2)

Após dedicar alguns capítulos para situar o leitor dentro da dinâmica da tradição oral presente no Senegal, Albert Gumi (2009) destaca a importância do ritmo para o povo senegalês, onde acredita-se que a vida é feita a partir de ritmos e tudo traz consigo uma musicalidade, seja o andar, o respirar ou o bater do coração. O dossiê ainda cita o ex-presidente Léopold Sédar Senghor, que definia o ritmo como “a arquitetura dos homens africanos” (GUMI, 2009, p. 36).

Figura 1: Localização do Senegal na parte ocidental da África



Fonte: <http://www.ipacific.com/senegal/senegal1.html>. Acesso em out. de 2016.

País independente politicamente desde 1960, o Senegal engloba em seu território um segundo país, a Gâmbia, que entre os anos de 1982 a 1989 formou um único país com o Senegal, nomeado Senegâmbia. A região é de religião predominantemente islâmica, e seu primeiro presidente - Senegal, foi escritor Léopold Sédar Senghor, que participou ativamente dos movimentos pela independência do país, que buscava se libertar da dominação francesa desde o século XIX, além de ser um dos idealizadores do movimento Negritude⁸. Desde a

⁸ Movimento literário que exalta a identidade negra.

independência até o ano 1980, Senghor foi presidente, deixando seu cargo após esse período para seu sucessor, Abdou Diouf.

Apesar da língua oficial do Senegal ser o francês, o país possui mais de 30 dialetos distintos, utilizando majoritariamente o wólof (língua nativa mais falada entre os senegaleses) e o mandinga. Nas últimas décadas, com a progressiva disseminação da cultura da escrita no país, o francês é utilizado nas escolas e na escrita oficial, visto que, antes da chegada dos colonizadores, a África Ocidental era ágrafa, de tradição oral. A etnia wólof constitui aproximadamente 40% da população, mas o idioma é falado pela maioria dos senegaleses e atualmente o wólof já possui um alfabeto.

Atualmente, o Senegal conta com uma taxa de alfabetização de 68% para homens, 50% para mulheres e apenas 5% dos cidadãos chega a cursar o ensino superior. Existe um médico para cada 15.000 pessoas e a dívida externa é grave. Os problemas socioeconômicos enfrentados pelo país começaram a desencadear no país uma onda migratória, trazendo para o Brasil muitos senegaleses que aqui chegaram em busca de novas oportunidades. Neste contexto está inserida a cidade de Chapecó, que através da propagação de trabalho em agroindústrias atraiu estes imigrantes.

Segundo uma matéria publicada por Gabriela Bazzo na revista brasileira Huffpost Brasil em 2015, os dados coletados na Acnur⁹ inferem que os pedidos de refúgio no Brasil aumentaram de 566 para 5.882 entre os anos de 2010 e 2013. Advindos de distintos países e pelas mais diversas causas, o Brasil conta principalmente com refugiados sírios, colombianos, angolanos e haitianos, além dos senegaleses, que somaram maioria nos pedidos de refúgio em 2014. A matéria revela, de acordo com a socióloga Vania Beatriz Merlotti Herédia¹⁰, que a maioria dos indivíduos que deixam o Senegal, o fazem por razões econômicas e vêm ao Brasil em busca de trabalho.

Na maioria das vezes, a entrada no país é bastante arriscada para estes sujeitos, que precisam desembolsar grandes quantias de dinheiro para serem transportados ilegalmente para dentro dos estados brasileiros. Em Chapecó (SC) o número mais expressivo de refugiados é do Haiti e do Senegal, porém, após entrarem no país, a tramitação burocrática para conseguir o visto é menos dificultosa para os haitianos, que contam com a possibilidade de conseguir um visto de permanência humanitário no Brasil em função dos desastres naturais (fortes terremotos que praticamente destruíram o país nos últimos anos) e guerra civil.

⁹ Alto Comissariado da ONU para Refugiados.

¹⁰ Pesquisadora, socióloga e historiadora, Vania Herédia é professora da Universidade de Caxias do Sul e atua principalmente sob as temáticas da história econômica do Rio Grande do Sul e estudos emigratórios.

Figura 2: Rota dos imigrantes que entram no país com auxílio de coiotes¹¹



Fonte: http://www.brasilpost.com.br/2015/06/05/refugiados-senegal-brasil_n_7488252.html. Acesso em out.

2016

Estes senegaleses entram, em sua maioria, através da fronteira do Acre com o Peru e a Bolívia, e, uma vez dentro do Brasil, pedem refúgio. A socióloga Vania Beatriz Merlotti Herédia afirma que o Senegal não tem condições de absorver tanta mão de obra, e que, associado à essa questão, o perfil destes imigrantes é laboral. A matéria citada anteriormente, ainda destaca a importância da criação de uma rede de colaboração, visto que, em função da dificuldade de comunicação e da burocracia envolvida no processo de emissão de documentos, os senegaleses enfrentam muita adversidade no seu dia-a-dia.

Outro estudo semelhante foi empreendido pelo cientista social João Carlos Tedesco e pela administradora Denize Grzybovski, que buscaram compreender o perfil dos senegaleses que estão morando na cidade de Passo Fundo. Pela proximidade geográfica dessa cidade (situada no norte do Rio Grande do Sul) com Chapecó, é possível dizer que talvez esse seja o perfil da maioria dos imigrantes senegaleses que se deslocaram para o Sul do Brasil e tiveram sua mão de obra absorvida pelos frigoríficos e pelas agroindústrias.

No acervo de entrevistados, constatou-se que a maioria dos senegaleses não tem domínio do português, fala pouco em francês e, quando estão reunidos, falam em dialeto regional. No trabalho, eles tentam se entender "por gestos". A maior parte dos senegaleses em Passo Fundo é constituída por homens solteiros, entre 25 e 40 anos, oriundos de pequenas cidades do Senegal (alguns são da capital Dakar). No período da pesquisa, foram identificadas cinco mulheres senegalesas no grupo, sendo quatro

¹¹ Coiotes são indivíduos ligados à imigração clandestina, que recebem os refugiados e, em troca de dinheiro, facilitam sua entrada no país em questão através das fronteiras

delas casadas, das quais, três estavam acompanhadas dos maridos. (TEDESCO; GRZYBOVSKI, 2014, p. 1)

Os autores ainda citam a flexibilidade geográfica que leva os senegaleses a se locomoverem dentro do próprio Brasil em busca de melhores oportunidades, o que, segundo os pesquisadores, gera muita insegurança para os empresários e torna ainda mais hostil o cotidiano destes trabalhadores. A vinda dos refugiados para esta região ainda é muito recente, e certamente continuará modificando a estrutura até então solidificada da nossa sociedade. Nesse sentido, cabe destacar que, além de contribuir para uma pluralização cultural, esta nova onda de imigração nos aproxima de fontes importantes para a abertura de novos enfoques historiográficos a nível regional.

No que diz respeito a esta pesquisa, os três senegaleses entrevistados residem no Brasil há, pelo menos, dois anos, chegando através de distintas rotas até a cidade de Chapecó. Todos atuam no setor terciário, prestando serviços à agroindústria e a empresas de pavimentação asfáltica e afirmaram conseguir ajudar suas famílias no Senegal frequentemente. Eles afirmam que a emigração tornou-se comum no Senegal, principalmente na última década, e contaram que muitos de seus parentes e conhecidos também estão vivendo em outros países a fim de se sustentar e poder incrementar a renda familiar daqueles que não puderam (ou não quiseram) migrar.

2. *GRIOTS* NA ÁFRICA OCIDENTAL: A TRADIÇÃO ORAL PERPETUADA PELOS MESTRES DA PALAVRA

Para melhor compreender o pensamento africano e fomentar reflexões futuras, é necessário analisar o conceito de África Tradicional, que carrega consigo um modo de vida e uma visão de mundo particular. Mesmo constituindo em um grande continente, a África possui, em linhas gerais, algumas características comuns entre suas mais diversas sociedades, dentre as quais, podemos destacar, a relação do homem com a natureza: “O sistema de pensamento africano entendia que tudo no universo se interligava” (WALDMAN, 1999, p.1). Dessa forma, tudo o que concerne às manifestações culturais e religiosas africanas, passam pela relação do homem com a natureza.

Maurício Waldman, em 1999, publicou em um livro didático uma série de informações a respeito da África Tradicional que ajudam o leitor a desprender-se do estigma eurocêntrico para estudar o continente africano. O autor explica que, centrados num modo de vida comunitário, o povo africano se desenvolveu durante séculos sob uma economia aldeã, de forma autárquica e autossuficiente. Assim, da mesma forma que o comércio se desenvolveu de forma distinta do que é verificado nas sociedades capitalistas, também é necessário destacar que a produção/difusão do conhecimento se deu de forma distinta nessas regiões, onde a oralidade predominou até recentemente. O autor afirma: “Deste modo, a sociedade tradicional africana, antes de ‘não ter evoluído para a escrita’, simplesmente optou por não utilizá-la.”, e lembra: “Recorde-se que do ponto de vista da africanidade, o conceito de analfabetismo é absolutamente estrangeiro.” (WALDMAN, 1999, p. 2)

Nesse sentido, o cientista social Dagoberto José Fonseca, ao tratar dos conceitos de oralidade, escrita e analfabetismo na África subsaariana, aponta que as sociedades ágrafas dessas regiões “têm na palavra falada um dos sustentáculos do seu código social e cosmológico. A palavra é um mecanismo de comunicação e expressão primordial, pela qual se alcança o mais alto grau de unidade e identidade individual e coletiva”. (FONSECA, 2016, p. 116). Ou seja, conforme citado anteriormente, além do analfabetismo ser um conceito imposto pelo estrangeiro ao continente africano, a tradição oral destas sociedades que pertencimento possui outros significados mais complexos do que um simples conhecimento transmitido boca a boca.

3.1 Os *griots* através dos livros

Quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer, *são* a memória viva da África. (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 181)

Com esta citação, o escritor malinês Amadou Hampâté Bâ¹² inicia seus apontamentos sobre a situação da transmissão (e da eminente ruptura dessa transmissão) da história e da genealogia dos povos que habitam a parte ocidental do continente africano.

Para sujeitos nascidos no mundo da escrita, pode ser difícil compreender o valor da tradição oral, porém, alguns autores do próprio continente africano trazem em suas obras informações que elucidam o funcionamento dessa tradição para nós, que cultivamos o hábito de antes consultar uma enciclopédia (hoje em dia virtual) à um ancião¹³. Nesse sentido, Hampâté Bâ explica em seu texto “A tradição viva”¹⁴ que o ato de adquirir informações através da oralidade não é tão simples quanto parece, e que envolve um árduo processo de capacitação por parte dos indivíduos que transmitem essa história e qualificam-se para serem escutados pelo seu povo.

Os responsáveis por fazer esta transmissão oral da história não formam uma classe homogênea, e é possível discernir categorias entre os dois principais portadores da palavra: os *tradicionalistas* e os *griots*. Para os tradicionalistas (transmissor da tradição oral), faltar com a verdade não é uma opção, e esta falha pode comprometer toda sua carreira e credibilidade: “Na África tradicional, aquele que falta à palavra mata sua pessoa civil, religiosa e oculta. Ele se separa de si mesmo e da sociedade. Seria preferível que morresse, tanto para si próprio como para os seus” (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p. 187). Segundo Hampâté, o tradicionalista pode ser um mestre iniciado (que inicia seus aprendizes), pode ter uma função específica na sociedade (tecelão, artesão, ferreiro, caçador, etc) e repassar seus ensinamentos aos demais, ou pode ainda ser depositário geral da tradição oral.

¹² Sobre a obra de Hampâté Bâ, ver: MULLER, Paulo Ricardo. Tradição e pós-colonialismo: conhecimento e múltiplos saberes sobre a África. In: SOUZA, Fábio Feltrin de; MORTARI, Cláudia (Orgs). **Estudos africanos: questões e perspectivas**. Tubarão/SC: Copiarte; Erechim/RS: UFFS, 2016. p. 41-60.

¹³ Em sociedades orais, os anciãos representam uma categoria muito importante para a preservação e manutenção de sua tradição. Estes idosos, em razão de sua idade, tiveram toda uma vida para ouvir outros sábios, viajar, conhecer o mundo e a História, dessa forma, os jovens ouvem ávidamente toda a herança cultural que pode ser transmitida por estes anciãos, que são compreendidos enquanto um importante caminho para a difusão do conhecimento entre as novas gerações.

¹⁴HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. A Tradição Viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). **História geral da África**. Vol I: Metodologia e pré-história da África. São Paulo: UNESCO/Ática, 2010.

Já os *griots* são, em suma, *cantadores* da história, verdadeiros cronistas sociais (ALMEIDA, 2016, p. 186). A eles é concedido o “embelezamento da verdade” e eles dividem-se, segundo Hampâté em três categorias principais: os *griots* músicos, que são em sua maioria compositores e cantores de músicas antigas; os *griots* “embaixadores”, ligados à sujeitos e famílias nobres (neste caso os *griots* interpolam possíveis desavenças familiares e transmitem informações a nível mais pessoal); e, finalmente, os *griots* genealogistas, historiadores ou poetas, que são mais independentes, viajantes e contam histórias de diferentes ramos.

Figura 3: Um *griot* com seu instrumento



Fonte: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0912719_2011_postextual.pdf> Acesso em 10 de jan. 2017

Em partes da África, é ressaltado o valor da palavra desde o mito de criação do homem e do universo. Na região do Mali, por exemplo, entre a tradição bambara, ensina-se que a Palavra (*Kuma*) é “uma força fundamental que emana do próprio Ser Supremo, *Maa Ngala*, criador de todas as coisas” (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p. 183). Nessa tradição, o mestre iniciador (que ensina aos jovens seus valores e sua história) conta que o Homem (*Maa*) só surgiu na terra quando o Criador (*Maa Ngala*) sentiu falta de um interlocutor, dando à essa criação o dom da mente e da palavra e ensinando-lhe as leis que regem o universo. Dessa forma explica-se como surgiu a tradição oral, pois *Maa* ficou incumbido de passar a palavra e os ensinamentos de *Maa Ngala* aos seus descendentes.

Contudo, esta tradição oral também possui suas fragilidades. Assim como o sujeito fortemente imbricado na sociedade da escrita está suscetível a perder todos os seus documentos, registros e todo o seu conhecimento meticulosamente armazenado em livros, a tradição oral também está à mercê do extravio. Se por um lado o continente africano se desenvolveu socialmente de forma tão distinta do modelo europeu, a chegada destes colonizadores trouxe grandes mudanças na estrutura de suas sociedades. Nesse sentido, no que diz respeito à oralidade, a interferência estrangeira na tradição africana fez com que a renovação das gerações de *griots* fosse prejudicada, não apenas em decorrência da inserção da escrita no continente, mas também em detrimento do recrutamento de jovens para servir em guerras nas colônias, quando, originalmente, os mesmos deveriam estar se capacitando para formar *griots*, *tradicionalistas*, artesãos, ferreiros, etc.

A despeito do que ocorre com muitas outras fontes, a História Oral se aproxima do presente, pois depende da memória “viva” e da conexão dos vivos com o passado (MATOS; SENNA, 2011, p. 100), ou seja, esta modalidade exige constante manutenção por parte de seus aprendizes. Hampâté aponta alguns questionamentos levantados por estudiosos que afirmam não ser possível conferir credibilidade aos testemunhos orais, tão presentes na África, da mesma forma como são creditados os registros escritos. Contudo, a discussão que se trava em resposta a essa hesitação é muito semelhante ao que ocorre com o uso da História Oral, campo onde muitos autores afirmam que a palavra proferida deve ser questionada enquanto fonte.

Além dos argumentos popularmente difundidos em defesa da História Oral, que asseguram que todas as fontes (sejam orais, documentais, bibliográficas ou monumentais) devem ser questionadas, e que, apesar de serem tratadas de formas tão distintas, os testemunhos escritos e orais provém da mesma fonte (o homem), Hampâté traz outros apontamentos interessantes. Ele afirma que, na dinâmica da tradição oral, a relação entre o homem e a palavra é muito intensa e imbuída de significado: “É, pois, nas sociedades orais que não apenas a função da memória é mais desenvolvida, mas também a ligação entre o homem e a Palavra é mais forte” (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p. 182) afirmando ser, a mentira, uma lepra moral.

Essa relação que se estabelece entre o homem e a palavra é aprendida desde cedo nas sociedades orais, onde também se desenvolve o exercício de ouvir. Albert Gumi (2009) explica em seu dossiê para professores que, assim como nas sociedades da escrita as crianças são ensinadas a ler ainda pequenas, nos locais onde não se desenvolveu a grafia as crianças aprendem a ouvir. Uma lenda ensinada no Senegal elucida essa questão:

Há muito tempo, quando Deus acabara de criar todos os animais, perguntou a cada um deles se gostariam de lhe pedir algo. A girafa lhe disse:
- Eu gostaria de ser sábia.

E o Criador respondeu:

- Você escolheu um bom pedido. A partir de agora não falará, apenas escutará. Quem fala muito é tolo; e, por outro lado, os sábios sabem calar e ouvir.

Por esse motivo, a girafa escuta e observa tudo o que acontece ao seu redor, mas não emite nenhum tipo de som. (GUMI, 2009, p. 6. Tradução livre)

O ensinar a ouvir desenvolve nas crianças desde cedo o respeito pelos ancestrais, isto é, em ouvir as pessoas com mais idade e entendê-las enquanto conhecedoras e entendedoras do universo em que vivem. A sociedade toda, em geral, respeita os anciãos, pois, a medida em que um sujeito vai envelhecendo, significa que ele teve mais tempo para ouvir, observar e aprender. Este conhecimento adquirido depois é passado aos mais jovens, que escutam com atenção e absorvem todo o conhecimento que podem.

Nas sociedades orais é possível ver diferentes manifestações dessa oralidade, mas, sejam *griots*, *tradicionalistas* ou anciãos com muita bagagem de vida, percebe-se que a relação do homem com a palavra falada (ou cantada) é articulada de forma muito diferente do que é verificado nas sociedades escritas. Mesmo que os *griots* e os *tradicionalistas* possuam um compromisso distinto com a verdade, esta autenticidade é muito relativa. Alguns autores interpretam o papel dos *griots* como mero entretenimento, como De Paula Junior, que afirma em sua pesquisa que “a tradição lhes concede o direito de travestir ou embelezar os fatos, mesmo que de modo grosseiro, pois o objetivo é apenas divertir os ouvintes” (DE PAULA, 2014, p. 91). Contudo, apesar das primeiras impressões, é necessário analisar com mais cautela o papel destes sujeitos na sociedade africana, visto que o próprio Hampâté Bâ cita exemplos da importância dos *griots*:

Os *griots* tomaram parte em todas as batalhas da história, ao lado de seus mestres, cuja coragem estimulavam lembrando-lhes a genealogia e os grandes feitos dos antepassados. Para o africano, a invocação do nome de família é de grande poder. Ademais, é pela repetição do nome da linhagem que se saúda e se louva um africano. [...] Como se vê, os *griots* participam efetivamente da história dos grandes impérios do Bafur, e o papel desempenhado por eles merece um estudo em profundidade. (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p. 205)

Outro importante autor que cita e reconhece a relevância destes mestres da palavra para se pensar a história africana é o medievalista Jacques Le Goff, que em sua obra *História e Memória* dedica alguns parágrafos para situar o leitor das especificidades dessas sociedades no que tange à memória coletiva, afirmando que “Nestas sociedades sem escrita há especialistas da memória, homens-memória: ‘genealogistas’, guardiões dos códices reais, historiadores da corte, ‘tradicionalistas’ [...]” e complementa, recordando que além de constituir uma memória social viva, estes sujeitos são “simultaneamente os depositários da história ‘objetiva’ e da história ‘ideológica’, [...]” (LE GOFF, 1994, p. 430). Pensar estes guardiões como depositários

e não como meros memorialistas, indica o quão e o quanto a oralidade em sociedades ágrafas requer habilidade e conhecimento.

3.2 Os *griots* através das memórias

Sobre a prática da fala, já estamos habituados a pensá-la enquanto um atributo comum a todas as sociedades humanas. “A palavra falada é transmitida por homens e mulheres sem poder e de poder. A palavra falada é o veículo principal da nossa comunicação desde a nossa infância” assim expressam os autores Alcides de Lima e Ana Carolina Fransischette da Costa, no texto “Dos *griots* aos *griôs*” (2015. p. 112), ressaltando que mesmo depois de aprendermos a linguagem escrita, ainda recorremos ao uso da expressão oral para transmitir verdades e mentiras, bem como estruturar estereótipos e preconceitos. Contudo, o texto ressalta o valor e o compromisso com a verdade daquelas sociedades que se estruturaram primordialmente sobre a fala, esclarecendo que, para elas, existe uma complexidade muito maior atribuída.

A importância de se buscar compreender a História da África e suas ramificações a partir de suas próprias categorias é citada por muitos autores preocupados com esta questão, e, visto isso, este é o exercício que se pretende realizar nesta etapa da pesquisa. Da mesma forma com que alguns autores se preocupam em legitimar os usos da História Oral enquanto fonte, Jan Vansina ressalta no texto “A tradição oral e sua metodologia”:

As tradições têm comprovado seu valor insubstituível. Não é mais necessário convencer os estudiosos de que as tradições podem ser fontes úteis de informação. Todo historiador está ciente disso. O que devemos fazer agora é melhorar nossas técnicas de modo a extrair das fontes toda a sua riqueza potencial. Essa é a tarefa que nos espera. (2010. p. 166)

Nesse sentido, as entrevistas analisadas neste capítulo foram realizadas com o intuito de compreender o legado desta tradição oral sob uma perspectiva mais distanciada da bibliografia e, conseqüentemente, mais próxima dos sujeitos que dela fizeram ou ainda fazem parte. Para tal, identificamos os entrevistados com as nomenclaturas A, B e C, que representam, como já enfatizado neste trabalho, a um universo maior que a individualidade. Estes refugiados senegaleses chegaram à cidade de Chapecó em diferentes períodos, que variam entre 3 e 5 anos atrás, e possuem entre 30 e 35 anos.

A respeito da presença dos *griots* no meio social dos entrevistados e sobre a sua história, o senegalês A relata:

A maior parte dos *griots* que você vê vieram da Guiné, Mali, a maior parte do Mali, então hoje eles praticam esses negócios de *griot*. No Mali eles acreditam nisso. No

Senegal depois também vieram essas coisas. *Griot* é que nem um funcionário teu, que não recebe. Mas ele só canta a tua genealogia. Por exemplo, você é filho de tal, filho de tal, filho de tal, essas coisas. Hoje, cada família que existe no Senegal tem um *griot*.

Existe aqui o conhecimento que os *griots* estão presentes além de seu território, nos países vizinhos. Isto pode nos levar a entender que as fronteiras políticas destes países não são as mesmas que as fronteiras culturais e que, deste modo, a tradição se manteve e ocupou espaços cujo colonialismo europeu tentou separar.

Quando são questionados sobre a presença de um *griot* em suas respectivas famílias, todos confirmam em unanimidade, reafirmando que todas as famílias senegalesas contam com estes indivíduos responsáveis, segundo eles, por preservar a lembrança genealógica de seu grupo familiar. O senegalês B ainda complementou: “Todos os presidentes que já foram eleitos, ou os padres da religião, tem os próprios *griots* deles”, dando ideia da abrangência da presença *griot* no país. Neste caso, a presença de *griots* perpassa diferentes esferas da sociedade ao acompanhar indivíduos de diferentes posições políticas e ou econômicas.

A incumbência de preservar e transmitir o conhecimento a respeito dos antepassados de cada sujeito também está muito presente na bibliografia analisada para esta pesquisa, onde, por exemplo, o autor Jan Vansina afirma que “Os *griots* tomaram parte em todas as batalhas da história, ao lado de seus mestres, cuja coragem estimulavam relembrando-lhes a genealogia e os grandes feitos dos antepassados.” e explica a importância desse estímulo, lembrando que “Para o africano, a invocação do nome de família é de grande poder. Ademais, é pela repetição do nome da linhagem que se saúda e se louva um africano.” (2010, p. 196). A importância da invocação genealógica também aparece em outras partes da entrevista, onde o senegalês C diz:

Você nasceu nessa modernização, mas o *griot* ele te lembrava o último avô que você tinha. Como por exemplo, ele te via tomando a cerveja, ele dizia “Você é filho de tal, neto de tal, ele nunca fez uma coisa dessas, e você aqui fazendo essa besteira? Não pode.” Essas coisas que o *griot* fazia pra nossa vida.

Esta fala suscita algumas reflexões e, para tal, é preciso lembrar que, conforme citado anteriormente, os entrevistados em questão são adeptos ao islamismo (religião condena o consumo de bebidas alcoólicas). Isso explica o exemplo utilizado pelo senegalês C, onde um *griot* reprimiria o seu ato de tomar cerveja e invocaria o nome de seus antepassados para desencorajá-lo a continuar. Ou seja, mesmo que nos dias de hoje a tradição esteja mais ligada à religião islâmica¹⁵ do que antigamente – onde as crenças originárias do continente predominavam –, ainda são os *griots* os responsáveis por manter essa ordem social.

¹⁵ Dados estimam que 92% da população senegalesa seja islâmica.

Fonte: <http://www.portalbrasil.net/africa_senegal.htm> Acesso em 19 de jun. 2017

Para compreender melhor e situar o leitor dentro das transformações culturais e religiosas que ocorreram na África, Hampâté Bâ fala sobre a influência do islã sobre as tradições africanas, afirmando que as particularidades da memória africana e seu vínculo com a oralidade não foram afetadas pela islamização, e ressalta que esta não violava os princípios fundamentais do pensamento africano, pelo contrário, adaptava-se a ele: “A simbiose assim originada foi tão grande, que por vezes torna-se difícil distinguir o que pertence a uma ou a outra tradição”. (2010. p. 201).

Sobre o nomadismo destes mestres da palavra, o entrevistado A afirma que “A maior coisa que um *griot* tem é um cavalo, eles costumam muito andar a cavalo. Eles são nômades, eles não moram em um lugar só. Eles não param, porque se você para, não conhece, né?”. O que remete aos escritos de Amadou Hampâté Bâ, que, em suas obras, revela que os *griots* são eternos viajantes, pois é através deste nomadismo que eles obtêm o conhecimento necessário sobre o continente e aumentam assim, seu leque de aprendizados a serem transmitidos: “Aquele que não viajou, nada viu”. (2010, p. 201).

Ao falar sobre o contexto atual desses mestres da palavra, os entrevistados enfatizam a preponderância de sua função enquanto genealogistas, onde o senegalês A afirma: “Pelo *griot* eu conheço minhas três bisavós. Como por exemplo, eu não conheço minha bisavó, mas o *griot* me fala. O *griot* sabe até dez gerações”.

Também sobre esse assunto, o senegalês C articula:

Se você faz parte de uma família *griot*, e você é *griot* dessa pessoa, você tem obrigação de saber a história dessa pessoa de 20 anos atrás. E o vô deixa a história para neto, o neto deixa para o filho, para essa história não morrer. O antigo *griot* do meu vô, os filhos dele são meus *griots*. Meus netos vão ter o *griot* neto dele.

Os entrevistados fazem constantemente uma análise da relação passado/presente, assinalando a importância dos *griots* que, mesmo após a modernização (que trouxe consigo fortes transformações industriais e tecnológicas para dentro do continente), ainda utilizam sua sabedoria em prol da manutenção de antigas tradições. Ressaltando a importância destas figuras o senegalês B afirma: “Quando um *griot* chega, todos nós temos que ir lá para agradecer e valorizar ele, porque ele é uma pessoa que é que nem uma biblioteca, para nós”. Ainda compartilha, em seguida, um pouco de seu apreço por estes tradicionalistas:

Os *griots* têm uma sabedoria. Por exemplo, só pelo cumprimento de mão, eles te perguntam teu sobrenome, eles já sabem qual origem você é. Tinham uns *griots* mais antigos, que só de olhar o rosto já sabiam qual família era.

O conhecimento de um *griot* é evidenciado pela última fala acima, visto que em tempos mais remotos os *griots* conheciam detalhadamente as características físicas das genealogias que estudavam.

Ao perguntar sobre a questão da musicalidade *griot*, os entrevistados são enfáticos e sua fala remete ao dossiê espanhol elaborado Albert Gumi, onde o mesmo afirma que, dentro destas sociedades, cantar é muito mais do que “aproveitar um determinado momento” (2010, p. 14), e afirma que todas as decisões importantes, rituais e atos transcendentais estão acompanhados de canções, da mesma forma, o senegalês A responde:

Tem diferenças, tem músicas que só o *griot* faz. Se você vai na guerra, tem música especial. Se você vai casar, um dia de felicidade, o *griot* tem uma música pra você. Quando você tem alguma coisa difícil, muita tristeza, o *griot* tem uma música para te consolar.

Sobre a música, Albert Gumi também fala a respeito do baobá, citando esta árvore como um símbolo que representa o Senegal enquanto país. O tronco do baobá pode ter mais de dez metros de diâmetro, servindo até como refúgio em alguns casos (quando o volume da árvore é tão avantajado que ela chega a ser oca). Segundo os estudos deste autor, esta é uma árvore sagrada entre os senegaleses, onde habitam espíritos bons e maus, e sua importância para os *griots* também está na utilização de sua madeira para a confecção de seus instrumentos. Gumi afirma também que, até poucas décadas atrás, os *griots* falecidos eram enterrados dentro dos baobás (2010, p. 32), o que elucida bem a relação estabelecida entre os mestres da palavra e este importante monumento natural.

Figura 4: Baobá, a árvore sagrada para os senegaleses



Fonte: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0912719_2011_postextual.pdf> Acesso em 10 de jan. 2017

Nas entrevistas também foi possível perceber que as três categorias *griot* citadas anteriormente (a partir da leitura de Hampâté Bâ) hoje em dia são bastante permeáveis, visto que os entrevistados não projetam rígidas distinção entre *griots* músicos, embaixadores ou genealogistas. Para Hampâté Bâ, os *griots* embaixadores são aqueles ligados a uma família notável, e são eles os responsáveis por solucionar desavenças internas: “Quando ligados a uma família ou pessoa, geralmente ficam encarregados de alguma missão corriqueira e particularmente das negociações matrimoniais.” (2010, p. 195). De forma muito semelhante, o senegalês B, ao falar das atribuições gerais de um *griot* explica que “O *griot* é quem une o casamento, quando tem briga, separação, ele começa a explicar a história até que a paz volta dentro de casa”.

Contudo, ainda é possível perceber que a questão do registro de linhagem familiar é muito importante para os senegaleses, constituindo uma tradição que os próprios entrevistados gostariam de perpetuar. Assim exprime o senegalês A:

Por exemplo, eu tenho um filho brasileiro, certo? Quando ele vai no Senegal, eles vão ensinar pra ele o descendente dele. A história dele. Tudo isso é um *griot* que faz, essas lembranças. Tinha umas histórias que a gente não sabia, como por exemplo, tinha um rei, e quando os franceses queriam construir essas estradas de ferro, ele não queria, então ele lutou muito até morrer, e o *griot* contava isso.

Outra questão importante surge ao perguntar sobre suas experiências pessoais mais recentes com *griots*, onde o senegalês A afirma: “Eu odiava o *griot* do meu vô, ele acordava seis da manhã com aquele violão lá e começava a cantar”. Pensando esse depoimento sob a luz de autores que se ocuparam em analisar as sociedades orais e a função dos *griots* e dos anciãos dentro dessa tradição (como Amadou Hampâté Bâ, Joseph Ki-Zerbo), parece inusitado ouvir dos entrevistados uma objeção direcionada à presença destes tradicionalistas. Contudo, é importante levar em consideração as transformações ocorridas dentro do continente africano nas últimas décadas, tendo em mente que a tradição não é algo engessado e estático, capaz de passar intacta através de qualquer encontro cultural ou evento histórico. Pelo contrário, ela vai se resignificando, assumindo alguns novos papéis e deixando outros tantos para trás.

Nesse sentido, em uma análise sobre como é retratada a velhice na obra “Sangue da Avó Manchada a Alcatifa” de Mía Couto, a autora Maria Aparecida do Nascimento Dias afirma:

Se antes, na sociedade africana tradicional, a função do idoso era transmitir a herança cultural do seu povo às novas gerações, com a entrada de novos artefatos tecnológicos, valores pautados no consumismo e na modernização, no ambiente citadino, o velho passa a ser visto não mais como um símbolo de autoridade e veneração, mas como um símbolo de peso e estorvo para aqueles encarregados de conviver com essas pessoas. (DIAS, 2014, p. 14)

Esta análise feita por Dias com o relato dado pelo senegalês A, onde percebe-se que a relação com os anciãos mudou de figura. Ou seja, se antigamente era possível verificar uma

certa veneração aos *griots* e anciãos (aqui relacionados em função de seus papéis desempenhados enquanto transmissores da tradição e da história), hoje se percebe um trato muito mais ocidentalizado, onde o contato com estes sábios já não é mais o único meio de acessar estes conhecimentos.

Ainda sobre a incidência da modernidade colonialista sobre o continente africano e seus impactos na manutenção da tradição *griot*, o Entrevistado B faz uma importante comparação, dizendo que:

Hoje em dia todo mundo é *griot*, né? Hoje você pode ir à Europa, ver a história deles e contar nos livros. Antigamente era só o *griot* mesmo que iria se sacrificar para ter aquele saber. Hoje, com a tecnologia, eu poderia escrever um livro aqui no Brasil porque já conheço costumes brasileiros e esses detalhes.

A consciência sobre o impacto da implementação tecnológica sobre a tradição oral também é perceptível na entrevista, onde o senegalês A ressalta: “Hoje tem televisão, essas coisas de propaganda, mas antes era o *griot* que fazia a propaganda. A propaganda veio, nasceu originalmente, no *griot*. Porque ele é quem passava as propagandas”.

Outra importante atribuição que é dada aos *griots* na bibliografia especializada diz respeito às suas contribuições enquanto historiadores. Hampâté Bâ afirma que os *griots* especializados nas histórias das famílias (genealogistas) geralmente possuem uma memória prodigiosa e “[...] tornaram-se naturalmente, por assim dizer, os arquivistas da sociedade africana e, ocasionalmente, grandes historiadores.” (2010. p. 197) De encontro a esse assunto, há uma parte da entrevista onde o senegalês A afirma:

O *griot*, antigamente, no Senegal, era como, por exemplo, sem fronteira. Eles tinham um tambor. Quando eles iam na guerra, você leva um *griot*, mas um *griot* ninguém poderia machucar. Porque ele é quem deveria contar depois a história, como que ficou. Como não tinha filme, não tinha nada, ele se escondia em algum lugar e ninguém machuca, ninguém bate, ele volta pra contar como foi a guerra.

Ao ser perguntado sobre como os *griots* eram identificados para que não fossem feridos e pudessem voltar para transmitir a história desse conflito, o senegalês A responde: “Por causa desses tambores. Quando, por exemplo, um rei chamava todo mundo, ele [o *griot*] passava batendo o tambor. Hoje, 4 horas, o rei falou que todo mundo é pra se encontrar em tal lugar”. Ressalta a importância do *griot* também para a transmissão de notícias do dia a dia. Nessa mesma fala, quando remetido ao tema da guerra, o senegalês A rememora e compartilha uma história contada pelo seu avô a respeito da Segunda Guerra Mundial, que ressaltava a importância do papel dos senegaleses dentro deste conflito:

Quando os franceses vieram no Senegal e pegaram nossos avós, meu avô me explicou que ele fugiu a pé até a casa dele, os franceses entraram e tomaram ele à força. Quando ele estava indo, ele nem sabia o que que era um revólver. Eles [os franceses] só ensinavam a dar tiro uma vez e depois, tchau. Mas quando eles foram lá na França para defender essa guerra, era assim. Hoje a História mentiu muito para a humanidade,

tem muita coisa que eles mentiram. Por exemplo, um senegalês ficava na fila com vinte franceses atrás, eles [os senegaleses] não usavam colete, mas só pelas bugigangas que eles levavam, a bala não entrava. Por causa disso que a França dominou essa guerra, porque só a França não tinha força.

Pesquisadora: Então o exército francês usou do conhecimento de vocês para...

Senegalês A: Sobreviver e ganhar a guerra. Pra ter uma prova mais viva, o general De Gaulle¹⁶ escreveu um livro falando disso. Hitler mandou mensagem uma para ele, escreveu “se não fossem os negros, bravos como leões, em quantidade como formigas e pretos como carvão, eu bombardearia a França em 24 horas, colocaria de Gaulle em um lugar quadrado e jogaria no Oceano Atlântico”.

Apesar de conhecer, através dos livros, algo sobre a participação dos povos subjugados ao colonialismo na Segunda Guerra Mundial, raros e escassos são os registros produzidos a partir dos próprios sujeitos colonizados sobre o tema. A leitura difundida nas escolas (assim como a maioria das produções historiográficas tradicionais do ocidente) é fortemente marcada pelo positivismo, ou seja, além de cultuar as produções de embasamento estritamente científico – o que exclui definitivamente a transmissão oral do rol de conhecimentos válidos –, acabou por divulgar uma narrativa singular e engessada sobre o que seriam “fatos” históricos. Dessa forma, relatos como estes mencionados acima (transmitidos pelo senegalês A, a partir da memória de seu avô) não são levados em conta e, caso não possuam comprovação escrita e/ou documentada, são facilmente descartados.

A percepção dos senegaleses a respeito dos impactos do colonialismo em sua terra natal também aparece em outros trechos da entrevista, onde o senegalês A faz a seguinte reflexão:

Antigamente eles viajavam do Senegal até, por exemplo, o Marrocos, só de cavalo. Esses carros são muito recentes. Mas eu não entendo, antigamente era mais riqueza. Você via uma mulher com o braço cheio de ouro e ela era pobre. A casa era de madeira, mas a vida era rica. Os trocos não eram moeda, era material. Se eu quero um cavalo que você tem, eu não compro com dinheiro, eu compro com produto. Não tinha moeda e essas coisas, mas a vida era mais sossegada. Mas hoje com a modernização, em que o cara precisa de mil reais, já viaja do Senegal para o Brasil para ganhar os mil reais.

O conhecimento a respeito das antigas formas de comércio em comparação com as modalidades atuais de aquisição de bens é bem marcado nessa fala, onde o senegalês A contrapõe os valores de sua cultura antes e depois da chegada dos colonizadores e da inserção dos países africanos na globalização.

Através desses relatos, é possível inferir que mesmo que o processo de colonização e todos os seus desdobramentos modernizadores tenham investido na supressão dessas sociedades orais, a tradição ainda resiste sob novas facetas, sempre unguindo-se de novos significados e práticas. Por um lado, a bibliografia traz o que Alcides Lima e Ana Carolina Francischette da Costa chamam de os “*griots* do antigo contexto” (2015, p. 227) – algo que

¹⁶ General que liderou as Forças Francesas Livres durante a Segunda Grande Guerra.

remete à descrição de Hampâté Bâ sobre a tradição viva da África mencionada anteriormente, onde o autor define estes representantes vocais da história enquanto genealogistas, embaixadores e músicos comprometidos com essa transmissão de saberes – e, por outro lado, as entrevistas mostram o *griot* em um novo contexto, onde estas funções se misturam e se associam às tecnologias atuais.

O surgimento desse novo contexto é explicado pelos dois autores enquanto uma hibridização da antiga forma da tradição e dos novos recursos de expressão cultural possibilitados pela modernização. No artigo eles afirmam que esse *griot* encontrado agora nos grandes centros “dotado de saberes e conhecimentos ligados à música, mobiliza e reconverte seu patrimônio cultural e simbólico, buscando inserção no mercado musical dessas localidades, sem deixar de transmitir seu legado cultural de tradição oral”, e concluem: “Assim, verificamos uma ampliação da função e da significação da figura do *griot*, bem como uma tentativa de resistência e ressignificação cultural diante das transformações da realidade africana a partir dos processos de colonização e globalização” (2015, p. 228).

Esta análise, somada às falas aqui registradas, evidencia alguns rumos tomados pela tradição africana (no que diz respeito à transmissão oral de conhecimento). Nas conversas realizadas com o grupo de senegaleses, a memória e a oralidade destes entrevistados denotam que a relação entre tradições passadas não estão desconectadas da vivência do tempo presente, indicando as permanências e as rupturas advindas de fatores internos e externos ao continente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As sociedades orais – sejam antigas ou modernas, oriundas do continente africano ou da América – desenvolveram sua cultura e sua tradição sem esboçar necessidade de alfabetizar sua comunicação. Especificamente no caso africano, verifica-se que a escrita não foi um fator preponderante na história desses grupos. Se, por um lado, as sociedades ditas letradas contam tanto com o recurso da escrita como da comunicação oral, a tradição oral praticada nas sociedades ágrafas da África é tão complexa e bem estruturada que independe da escrita para se manter.

Compreender o contexto da inserção destas sociedades africanas tradicionais nos moldes ocidentais impostos pelos europeus é fundamental para entender muitos outros aspectos da História da África. Nesse sentido, esta pesquisa possibilitou conhecimentos mais abrangentes sobre temas já conhecidos em sala de aula. Sobre os *griots* especificamente, o registro escrito existe e é excepcional, porém, ouvir a própria fonte e praticar efetivamente aquilo que os autores sugerem (conhecer a história a partir da fala dos seus próprios sujeitos) foi uma experiência enriquecedora.

A presente pesquisa, mesmo respondendo à proposta inicial do projeto e possibilitando tecer inúmeras análises a respeito do papel dos *griots* na África Ocidental, também abriu espaço para novos questionamentos. A relação da tradição *griot* com a religião islâmica (muito influente no Senegal) é, por exemplo, um dos temas que poderiam se desdobrar em uma pesquisa maior. Apesar de contar com alguns estudos já feitos sobre esse assunto¹⁷, se levados em conta os distintos enfoques possíveis, existe aí uma inesgotabilidade latente.

Das dificuldades surgidas no decorrer da pesquisa, cabe destacar aqui a questão idiomática. Em função da diversidade cultural já existente na África antes da colonização, bem como em razão da influência do francês no Senegal pós-colonização, a população senegalesa domina línguas e dialetos próprios (conforme citado anteriormente) muito distintos do português, o que tornou difícil o processo de escolha dos entrevistados e de transcrição das entrevistas. A maioria dos indivíduos da Associação de Senegaleses aprenderam (e/ou estão aprendendo) o português de forma bastante utilitária, e, conseqüentemente, seu vocabulário se restringe aos usos do dia a dia e da vida laboral (construída majoritariamente dentro da agroindústria). Desta forma, ao conversar sobre temas que não fazem parte do seu cotidiano no

¹⁷ Conforme mencionado anteriormente, Hampâté Bâ em “A tradição viva” já analisou brevemente o impacto da islamização sobre as tradições antigas.

Brasil, foi possível perceber uma forte dificuldade em encontrar palavras para expressar o que pretendiam dizer sobre seu país e sua cultura.

Apesar de ter contado com uma amostragem diversificada (entrevistados de idades distintas, que chegaram ao Brasil através de rotas diferentes e possuem experiências acadêmicas e laborais muito diversificadas entre eles), para uma possível continuação desta pesquisa seria importante contatar senegalesas que pudessem contribuir para tecer reflexões sob uma perspectiva feminina.

Para além das contribuições dentro do âmbito acadêmico, esta pesquisa também toca em um ponto sensível da educação brasileira. A Lei Federal 10.639/03¹⁸ incrementou os currículos das escolas muito tardiamente e, sendo uma lei tão recente, ainda carece de materiais didáticos e para-didáticos que contemplem a vastidão dos temas relacionados ao ensino da História da África. Nesse sentido, é possível destacar, dentre as reflexões tecidas ao longo deste trabalho, alguns conhecimentos que poderiam ser de grande ajuda se incorporados à prática docente.

É necessário integrar estes sujeitos recém-chegados da África em nossa sociedade de uma forma mais plural, para que eles possam, por exemplo, fomentar a produção de materiais que auxiliem na compreensão e no ensino da História da África. Mantê-los unicamente a mercê da prestação de serviços é, sem dúvida, um desperdício cultural tamanho. Para elucidar esta questão, o aviso deixado pelo sábio de Bandiagara, Tierno Bokar (citado através da obra do africanista Hampâté Bâ), pode dizer muito sobre a necessidade de nos desapegarmos das formas hegemônicas de transmissão de conhecimento para uma compreensão mais ampla de algo tão complexo como a África Tradicional:

“Se queres saber quem sou,
Se queres que te ensine o que sei,
Deixa um pouco de ser o que tu és
E esquece o que sabes”.¹⁹

¹⁸ Lei que alterou as diretrizes e bases da educação nacional estabelecidas pela lei nº 9.394 de 1996, tornando obrigatório o ensino da História da África e dos africanos, da luta dos negros no Brasil, da cultura negra brasileira e do negro na formação da sociedade nacional. (Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm> Acesso em 18 de jun. 2017)

¹⁹ HAMPATÉ BÂ, Amadou. A Tradição Viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). **História geral da África**. Vol I: Metodologia e pré-história da África. São Paulo: UNESCO/Ática, 2010. p. 212

5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Angélica Ferrarez de. Griôs do Senegal: memória, linguagem e poder no ofício dos mestres da palavra (1960-1980). **Revista Transversos**. “Dossiê: Áfricas: História, Literatura e Pensamento Social”. Rio de Janeiro, Vol. 06, nº. 06, pp. 185-195, Ano 03. mar. 2016. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2016.22067.

BAZZO, Gabriela. **Senegaleses: esta é a nova cara da imigração no Brasil**, 2015. Disponível em: < http://www.brasilpost.com.br/2015/06/05/refugiados-senegal-brasil_n_7488252.html> Acesso em 21 de nov. 2016

BONVINI, Emilio. Tradition orale afro-brasilienne. Les raisons d’une vitalité. **Graines da parole**. Puissance du verbe et traditions orales. Paris, Centre National de la Recherche Scientifique/Inalco, 1989. pp. 37-48 Tradução de Karim Houry.

COOK, Michael. **Uma Breve História do Homem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. 251 p.

DELGADO, L.A.N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. In: **Revista da Associação Brasileira de História Oral**, No.6, pp.9-25, 2003.

DE PAULA JUNIOR, A. F. **Educação e Oralidade no Oeste Africano pela Representação de Amadou Hampaté Bâ**. 2014. 158 p. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Ciências Humanas / Programa de Pós- Graduação em Educação - Universidade Metodista de Piracicaba. 2014.

DIAS, Maria Aparecida do Nascimento. Um olhar sobre a velhice em "sangue da avó manchando a alcatifa" de Mía Couto. In: V ENCONTRO NACIONAL DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL E ENSINO - ENLIJE, 2014, Campina Grande. **Anais**. Campina Grande: Realize, 2014. v. 1, 15 p.

FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (Org.). **História Oral: Desafios para o século XXI**. 20. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204 p.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. **Topoi**, Rio de Janeiro, dezembro 2002, pp. 314-332

FONSECA, Dagoberto José. **As relações Brasil - África subsaariana: oralidade, escrita e analfabetismo**. In: CHAVES, Rita. (org.) Brasil / África: como se o mar fosse mentira. São Paulo: Editora UNESP; Luanda, Angola: Chá de Caxinde, 2006.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

GUMI, Albert. **TERANGA, El legado de los griots del Senegal**. Barcelona; Fundación “la Caixa”, 2009.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. **Amkoullel, o menino fula**. São Paulo: Palas / Casa das Áfricas, 2003.

_____. A Tradição Viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). **História geral da África**. Vol I: Metodologia e pré-história da África. São Paulo: UNESCO/Ática, 2010. 167-213

KALUMBA, León Ngoy. **Anciãos: os pilares da África**. 2002. Disponível em: <<http://www.alem-mar.org/cgi-bin/quickregister/scripts/redirect.cgi?redirect=EEFLAZZpuFgpqglZb>> Acesso em 18 de out. 2017

KI-ZERBO, Joseph. Introdução Geral. **História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. 2 ed. Brasília: MEC/Unesco, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

LEITÃO. Maria de Lurdes Pires Gomes Martins Reis. **O Senegal nas rotas lusíadas Contributo para o estudo da presença da Língua Portuguesa na África Ocidental a partir do século XV**. Dissertação de Mestrado. Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto. Lisboa, Portugal, 2007. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt>. Acesso em março de 2016.

LIMA, M.A. & COSTA, A.C.F. Dos griots aos Griôs: a importância da oralidade para as tradições de matrizes africanas e indígenas no Brasil. In: **Diversitas**, revista do Núcleo das diversidades, intolerâncias e conflitos, FFLCH/USP, n.03, São Paulo: 2015. p. 216-245

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. **História Oral como fonte: problemas e métodos**. *Historiae*, Rio Grande, v. 2, n. 1, pp. 95-108, 2011.

MELO, Marilene Carlos do Vale. A Figura d Griot e a relação memória e narrativa. In: **Griots - culturas africanas: linguagem, memória, imaginário**. Org. LIMA, Tânia; NASCIMENTO, Izabel; OLIVEIRA, Andrey. 1.ed. - Natal: Lucgraf, 2009.

MULLER, Paulo Ricardo. Tradição e pós-colonialismo: conhecimento e múltiplos saberes sobre a África. In: SOUZA, Fábio Feltrin de; MORTARI, Cláudia (Orgs). **Estudos africanos: questões e perspectivas**. Tubarão/SC: Copiarte; Erechim/RS: UFFS, 2016. p. 41-60.

NEVES, Margarida de Souza. **História e Memória: os jogos da memória**. In: MATTOS, Ilmar Rohloff (org.). **Ler e escrever para contar: documentação, historiografia e formação do historiador**. Rio de Janeiro: Access, 1998.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009, pp. 186-189, 275-279.

TEDESCO, João Carlos; GRZYBOVSKI, Denize. Dinâmica migratória dos senegaleses no norte do Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Estudos de População**, [s.l.], v. 30, n. 1, p.317-324, jun. 2013. FapUNIFESP (SciELO)

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). **História geral da África**. Vol I: Metodologia e pré-história da África. São Paulo: UNESCO/Ática, 2010. p. 139-167

WALDMAN, Maurício. A África Tradicional. in **Geografia para o Ensino Fundamental**, Caderno 1, Unidade 1: Continente Africano, Editora Didática Suplegraf, São Paulo, SP, 1999.